

# GEOLINGUÍSTICA DOS POVOS INDÍGENAS DO ESTADO DO TOCANTINS

## GEOLINGUISTICS OF THE INDIGENOUS PEOPLES OF THE STATE OF TOCANTINS

Luciana Silva dos Santos

Maurício Alves da Silva

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O objetivo geral desse estudo foi mapear as línguas dos povos indígenas do estado do Tocantins de acordo com as Unidades de Federação de Terras Indígenas, considerando a diversidade linguística na leitura do espaço geográfico e suas representações. Os objetivos específicos foram: Conhecer a linguística dos povos indígenas do estado do Tocantins; identificar a linguagem cartográfica dos povos indígenas do estado do Tocantins e investigar a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins.

**Palavras-Chave:** Geolinguística; Povos Indígenas; Tocantins.

**Abstract:** The general objective of this study was to map the languages of the indigenous peoples of the state of Tocantins according to the Indigenous Land Federation Units, considering linguistic diversity in the reading of geographic space and its representations. The specific objectives were: To understand the linguistics of the indigenous peoples of the state of Tocantins; identify the cartographic language of the indigenous peoples of the state of Tocantins and investigate the geolinguistics of the indigenous peoples of the state of Tocantins.

**Key-words:** Geolinguistics; Indigenous people; Tocantins.

**Recebido em 03 de julho de 2023.**

**Aprovado em 20 de dezembro de 2023.**

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem na geografia detém as representações a partir das categorias geográficas, ou seja, a partir das percepções da paisagem, espaço, lugar, região e território, atributos de análise que contribuem para o estudo da geolinguística indígena do estado do Tocantins. Sendo assim, a linguagem cartográfica prioriza as diferentes formas de representação do espaço geográfico.

Para entender a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins, é preciso conhecer os contextos históricos e geográficos que evidenciam a geografia linguística indígena do estado do Tocantins na atualidade.

Justifica-se a construção deste estudo porque até o presente momento no estado do Tocantins, não temos um estudo geolinguístico dos povos indígenas visando mapear

as línguas indígenas de acordo com as Unidades de Federação de Terras Indígenas no Estado do Tocantins.

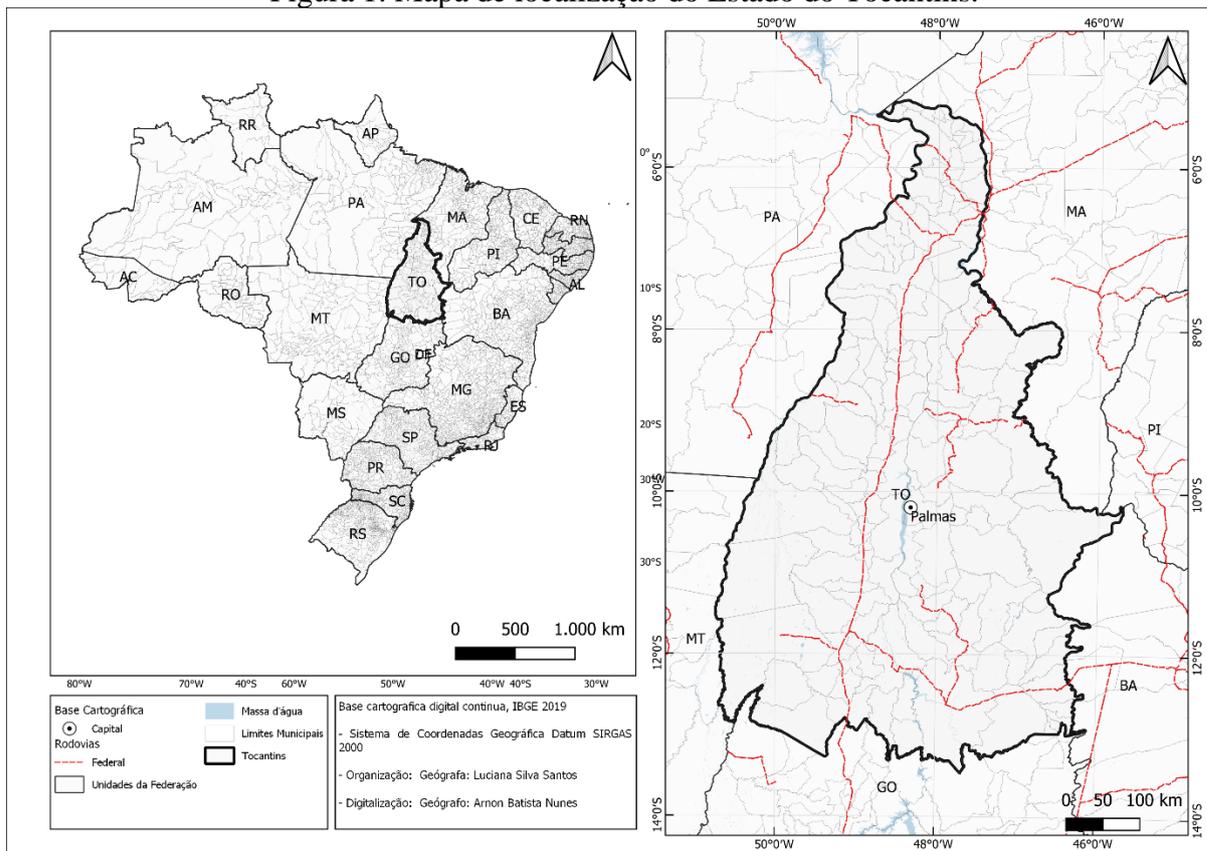
O objetivo geral desse estudo foi mapear as línguas dos povos indígenas do estado do Tocantins de acordo com as Unidades de Federação de Terras Indígenas, considerando a diversidade linguística na leitura do espaço geográfico e suas representações. Os objetivos específicos foram: Conhecer a linguística dos povos indígenas do estado do Tocantins; identificar a linguagem cartográfica dos povos indígenas do estado do Tocantins e investigar a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins.

A metodologia está estruturada na forma de uma pesquisa bibliográfica exploratória quali-quantitativa pautada na perspectiva teórica conceitual, amparada basicamente na revisão de publicações em formato de livros e artigos disponíveis em bases de dados de livre acesso, e secundariamente em teses e dissertações. Sendo assim, a pesquisa se concentra em estudar a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins em um recorte temporal de trinta anos (1991 a 2010) segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2016).

Para tanto, levanta-se as seguintes indagações: O que é geolinguística? Qual é a relação da geografia com a linguística? Qual é a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins? Para que serve o estudo (mapeamento) geolinguístico dos povos indígenas do estado do Tocantins?

O Estado do Tocantins localiza-se no sudeste da região Norte do Brasil e limita-se com o estado do Maranhão a nordeste, estado do Piauí a leste, estado da Bahia a sudeste, estado do Goiás a sul, estado do Mato Grosso a sudoeste e ao estado do Pará a noroeste (IBGE, 1998).

Figura 1: Mapa de localização do Estado do Tocantins.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2019.

O desvelar desse estudo proporcionou observar e identificar a geolingüística como um processo de linguagem na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações. Assim, é preciso dar um novo destaque para a geolingüística no ensino da geografia e da linguagem e suas aplicabilidades.

Neste estudo, a Geolingüística dos povos indígenas no estado do Tocantins – traz um esclarecimento conceitual sobre a linguística, linguagem cartográfica e a geolingüística indígena do estado do Tocantins. Para isso, recorreremos aos estudos de Bakhtin (1993), Borba (2003), Saussure (1995), Souza e Katuta (2000), Alvar (1961), Ball (2005), Cardoso (2010), Seki (1999), Joly (1990), Silva (2018), Callai (2008), Castrogiovanni (2003), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE,1991/2001 e 2010), aos Decretos, às Leis e à Constituição brasileira (1998), dentre outros autores.

## 2 GEOLINGÜÍSTICA DOS POVOS ÍNDÍGENAS NO ESTADO DO TOCANTINS

A geolingüística tem como objetivo analisar as dinâmicas geográficas territoriais das línguas e dos falantes dessa língua e as variedades linguísticas particulares de cada povo indígena. Dessa forma, para mapear a geolingüística dos povos indígenas do estado do Tocantins é necessário conhecerem a geografia e os elementos que compõe a linguagem cartográfica sobre a leitura linguística do espaço geográfico ocupado por estes povos indígenas tocantinenses.

### 2.1.1 Linguística

Mussalim e Bentes (2005), apresentam que o termo linguístico foi empregado pela primeira vez em meados do século XIX para diferenciar as novas diretrizes para o estudo da linguagem, contrapondo-se ao enfoque filológico tradicional.

Nesse sentido, Borba (2003), fala que a linguística é a ciência que se ocupa da linguagem humana e das línguas naturais, para cumprir seu objetivo básico que é determinar a natureza da linguagem, estrutura e funcionamento das línguas. Porém, a linguística só se interessa pelos signos produzidos pelo aparelho fonador humano, isto é, pela comunicação que se serve da linguagem articulada, entretanto, dá prioridade à linguagem falada por julgar que esta é a primeira manifestação concreta da capacidade de linguagem, sendo a escrita uma transferência da forma oral.

Saussure (1995, p.66) diz que “a língua é um produto social, no sentido de que o indivíduo a registra passivamente”; a língua é “um tesouro depositado pela prática da fala dos indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade”. Enquanto, Bakhtin (1993, pp.151-152) considera a “língua como uma atividade social, em que o importante não é o enunciado, o produto, mas sim a enunciação, o processo verbal. [...] A língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação”.

Alvar (1961, p. 51), conceitua a língua como o sistema linguístico de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem. “À língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...], é o resultado dessa cultura, ou, em sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsisti” (CÂMARA JR. 1965, p. 268).

A partir dessas explicações, a língua é um produto social da comunicação e também um sistema linguístico caracterizado por diferenciação, pois possui alto grau de nivelação por ser veículo de sistemas linguísticos de mesma origem.

### 2.1.2 Linguagem Cartográfica

Considerando que os mapas têm a finalidade de exprimir ideias, fatos, fenômenos e ocorrências espaciais e que, para isso, fazem uso de um sistema de símbolos visuais. Dessa forma, o mapa é a uma forma de comunicação e para se comunicar é necessário conhecer a linguagem cartográfica através de um sistema de signos.

De acordo com Joly (1990, p.13), a linguagem cartográfica se exprime, através do emprego de um sistema de signos, um pensamento e um desejo de comunicação com outrem, à cartografia pode, legitimamente, ser considerando como uma linguagem. Linguagem universal, no sentido em que utiliza uma gama de símbolos compreensíveis por todos, com um mínimo de iniciação. Mas, linguagem exclusivamente visual e, por isso mesmo, submetida às leis fisiológicas da percepção das imagens. Conhecer as propriedades dessa linguagem para melhor utilizá-la é o objeto da Semiologia Gráfica.

Para Sampaio e Théry (2008, p.9), a semiologia gráfica “foi desenvolvida por Bertin (1967) e está ao mesmo tempo ligada às diversas teorias das formas e de sua representação, e às teorias da informação. Aplicada à cartografia, ela permite avaliar as vantagens e os limites da percepção empregada na simbologia cartográfica e, portanto, formular as regras de uma utilização racional da linguagem cartográfica, reconhecida atualmente, como a gramática da linguagem gráfica, na qual a unidade linguística é o signo”.

Segundo Joly (1990) a semiologia gráfica surgiu

[...] na França, entre 1960-1967, um período de reflexões e experimentações para a construção desta linguagem. Foi através da análise sistemática de muitas representações e imagens, que Jacques Bertin pode definir as variáveis visuais e estruturar as primeiras regras de construção da imagem gráfica. [...] A semiologia gráfica está ao mesmo tempo ligada às diversas teorias das formas e de sua representação, desenvolvidas pela psicologia contemporânea, e as teorias informais. Aplicada a cartografia, ela permite avaliar as vantagens e os limites das variáveis visuais empregadas na semiologia cartográfica e, portanto, formular as regras de uma utilização racional da linguagem cartográfica (JOLY, 1990, p.13).

Sendo assim, a Semiologia Gráfica é uma ciência cujo objetivo é conhecer as propriedades da linguagem gráfica. Portanto, a Semiologia Gráfica permite avaliar as

vantagens e limitações do uso da simbologia que irá constituir a linguagem cartográfica. Para compreender essa linguagem (mapa) é necessário entender a alfabetização cartográfica.

Conforme Callai (2008), dentro do processo de alfabetização, além das letras, das palavras e dos números, existe outra linguagem para aprender, pois a linguagem cartográfica pode ser representada por símbolos, signos e legendas, entretanto, a alfabetização cartográfica é o que permite o indivíduo ler o mapa e entendê-lo.

De acordo com Souza e Katuta (2000), a linguagem cartográfica permite entender as diferentes territorialidades organizadas e definidas pelas sociedades humanas, espacializando os fenômenos naturais ou culturais ocorridos, estabelecendo a relação da Cartografia com a Geografia. “A linguagem cartográfica permite a apreensão e compreensão da distribuição espacial dos fenômenos, contemplando as especificidades do objeto de estudo da Geografia” (SOUZA; KATUTA 2000, p. 56).

A linguagem cartográfica utiliza muitos símbolos, que possuem elementos universais e que abrangem componentes e variáveis visuais, que pode ser expressa através de mapas. Suas funções correspondem, entre outras, a representar espacialmente os fenômenos da superfície da terra, transmitir informações sobre o espaço geográfico, registrar e armazenar conhecimentos espaciais, com o objetivo de se tornar uma forma de expressão e comunicação.

Castrogiovanni (2003) diz que:

“A leitura plena de um mapa e conseqüentemente dos fenômenos geográficos partem da interpretação do título, verificação da escala, entendimento da legenda, observação do mapa, descrição dos significantes, reconstrução de um novo mapa e comparação entre ambos” (CASTROGIOVANNI, 2003, p.38).

Portanto, a representação gráfica como instrumento teórico metodológico não pressupõe uma ligação direta entre a linguagem gráfica e a mensagem a ser comunicada.

Atualmente, as tecnologias digitais como sensoriamento remoto e geoprocessamento (Sistema de Posicionamento Global - GPS), que é um sistema de navegação baseado em satélite são instrumentos de linguagens cartográficas especializados em mapeamento digital (cartografia digital) que é o processo pelo qual um conjunto de dados é compilado e formatados em uma imagem virtual que exprime informações sobre determinado território ou espaço geográfico, ou seja, “a cartografia

computadorizada é uma representação gráfica automática dos fenômenos geográficos” (JOLY, 1990, p.83).

Portanto, o sensoriamento remoto e o geoprocessamento são o emprego de imagens da superfície da Terra para a realização de estudos do espaço geográfico, pois são ferramentas digitais que retêm à obtenção de informações (linguagem cartográfica) sem o contato direto entre o pesquisador e o objeto de estudo.

### 2.1.3 Linguística indígena

No Brasil, existe uma grande diversidade de variações linguísticas de grupos étnicos que são distribuídos nas regiões do país.

Seki (1999), fala que a partir da chegada dos portugueses ao Brasil a existência de povos indígenas, bem como de suas línguas, tornou-se conhecida, mas não completamente, considerando que o número ainda existente de línguas indígenas brasileiras representa uma grande diversidade linguística, as 180 línguas se distribuem por cinco grandes grupos - Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, Família Karib, Família Aruak, Família Pano; havendo ainda nove outras famílias menores e dez isolados linguísticos.

## 3 GEOLINGUÍSTICA

Para mapear uma língua indígena de uma etnia é necessário conhecer e vivenciar os aspectos linguísticos dessa comunidade, pois, é a partir dessa vivência que se consegue identificar e diferenciar os diversos dialetos da língua, considerando que a geografia linguística é um método específica da Dialectologia.

Segundo Silva (2018, p.46 apud VENY, 1986, p.70; CARDOSO, 2020, p.15), a Dialectologia nasceu no final do século XX sob influência dos métodos científicos, como uma complementação aos estudos de natureza histórico-comparatista que busca analisar os diferentes usos linguísticos, tanto de natureza geográfica, cronológica como social.

Para Cardoso (2010), a dialectologia é:

[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológico. O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região a outra, como forma de responder á diversidade cultural, á natureza da formação demográfica da área, á própria base linguística

preexistente e á interferência de outras línguas que se tenha feito presentes naquele espaço no curso da história. O vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinentes para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos (CARDOSO, 2010, p.15).

Dessa forma, o principal objetivo da Dialectologia é estudar os diversos dialetos e os falares de uma língua através dos espaços geográficos.

Nesse sentido, a geografia linguística é um método dialetológico responsável por registrar em mapas as formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) de um determinado território e de qualquer língua falada por uma comunidade.

Cardoso (2011), relata que a geolinguística ou geografia linguística é um campo interdisciplinar entre a linguística e a geografia que se ocupa em estudar a geografia das línguas e sua distribuição no espaço geográfico. Entretanto, a geolinguística tem como objetivo a identificação e a descrição de áreas linguísticas, ou seja, analisar as dinâmicas geográficas territoriais das línguas e as diferenças e variedades linguísticas, considerando a identidade cultural da língua.

Cardoso (2010 apud CONTINI; TUAILLON, 1996) apresenta que a geolinguística:

[...] está multifacetada e comprometida com a informação de um amplo rol de variáveis. A geolinguística assume outros parâmetros que não o diatópico ao tomar em considerações variáveis sociais, mas permanece diatópica. A dialectologia tem por finalidade essencial estudar a variação geolinguística (CARDOSO, 2010, p.67 apud CONTINI; TUAILLON, 1996, p.7).

Para Borba (1976), o interesse pelo estudo dos dialetos surgiu da vontade dos próprios linguistas em registrar e descrever essas diferentes variedades linguísticas regionais e das manifestações da cultura local ou regional, ou seja, os estudos dialetais resultaram, sobretudo, da preocupação dos dialetólogos com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua.

Dessa forma, o estudo dialetal busca retratar as mudanças espaciais, ou seja, representar a realidade linguística de um território politicamente inserida no espaço geográfico. Portanto, a geografia linguística se ocupa em estudar a geografia das línguas e sua distribuição no espaço geográfico, analisando as dinâmicas territoriais das línguas.

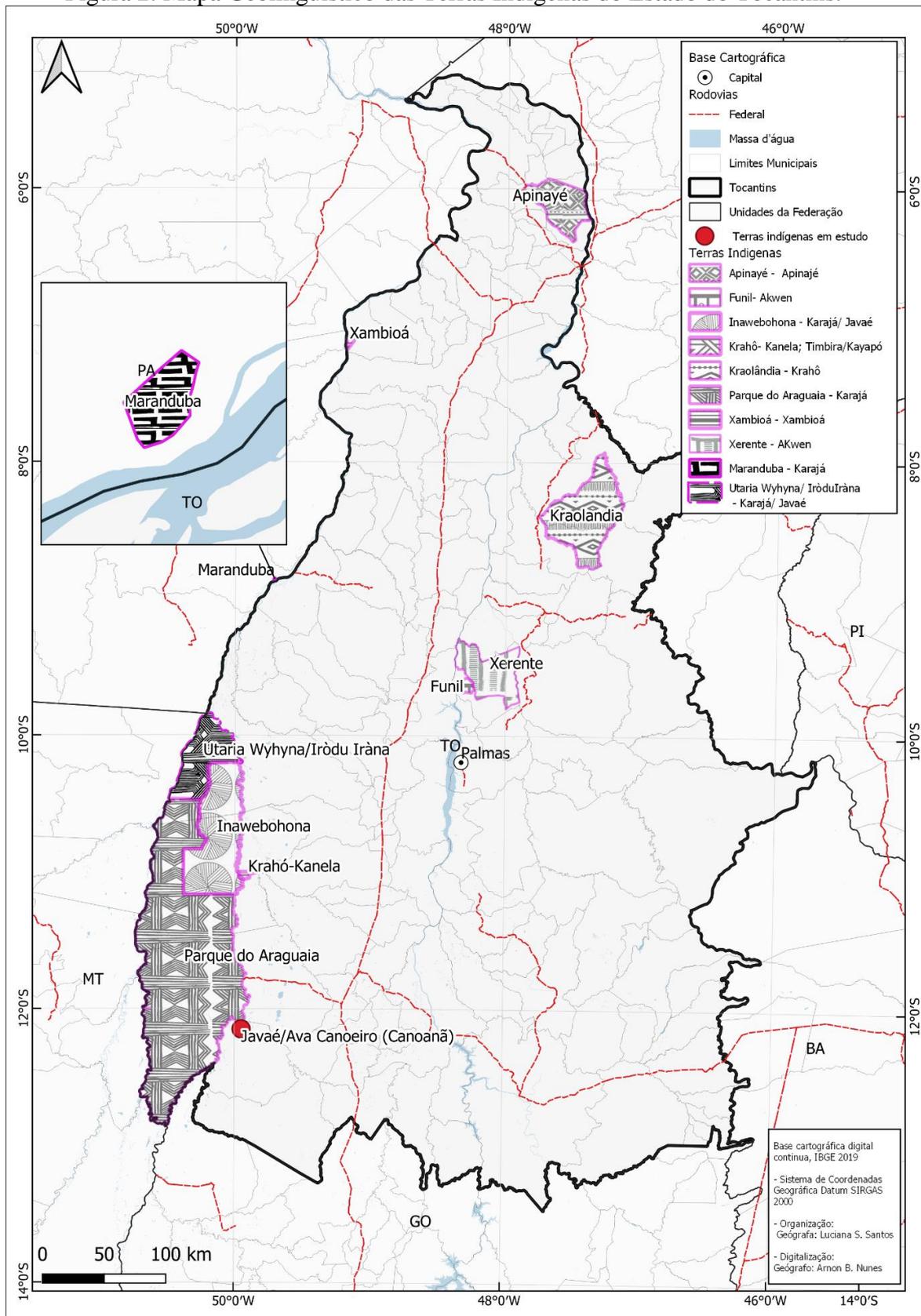
#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2016) as terras indígenas no estado do Tocantins estão devidamente demarcadas com processo de demarcação concluído, sendo um parque e uma reserva indígena. Portanto, as terras indígenas, no estado do Tocantins, estão distribuídas e demarcadas como: Apinajé, Funil, Inawebohona, Krahô Kanela, Kraolândia, Parque do Araguaia, Xambioá, Xerente, Maranduba e Utaria Wyhyna (IròduIràna). No entanto, no estado do Tocantins a terra indígena Canoanã está em fase de estudos para processo demarcatório.

O mapa é a parte material do nosso estudo teórico. Dessa forma, o mapeamento das línguas indígenas nas Unidades de Terras Indígenas do estado do Tocantins é o que denominamos geolinguística.

Vale descartar que no Mapa Geolinguístico das Terras Indígenas do Estado do Tocantins (figura 2) as Simbologias Linguísticas foram escolhidas pela autora para representar a Geolinguística das Comunidades Indígenas do estado do Tocantins.

Figura 2: Mapa Geolinguístico das Terras Indígenas do Estado do Tocantins.



Fonte: FUNAI (2016) e Base Cartográfica digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2019.

No mapeamento da geolinguística indígena do estado do Tocantins, constatou-se que no Estado tem comunidades tradicionais indígenas que falam a língua materna, mas faz uso da língua portuguesa como condição de sobrevivência, pois há indígenas que falam a língua portuguesa e indígenas que não falam fluentemente, mas entendem a língua portuguesa, ou seja, são bilíngues.

Com o mapeamento das terras indígenas do estado do Tocantins foi possível registrar através de mapa a composição étnica heterogênea dos indígenas tanto na diversidade cultural quanto na diversidade linguística, pois ao longo do tempo, as comunidades indígenas perdem algumas características linguísticas indígenas por não terem nada registrado. Destacando que anteriormente não se tem estudos, pesquisas sobre a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desse estudo foi mapear as línguas (geolinguística) dos povos indígenas do estado do Tocantins de acordo as Terras Indígenas, considerando a diversidade linguística cultural na leitura do espaço geográfico e suas representações.

Com este estudo, ficou evidente que geolinguística é uma ciência interdisciplinar entre a linguística e a geografia que analisar as dinâmicas territoriais das diferenças e variedades linguísticas e sua distribuição no espaço geográfico e, conseqüentemente dispõe se dessas investigações em planos cartográficos e elabora mapas para representatividade da heterogeneidade das línguas Indígenas Brasileiras.

É notório com este estudo que a relação da geografia com a linguística é que ambas têm a finalidade de exprimir noções, ideias, pensamentos, fatos e fenômeno, entretanto, a geografia e a linguística contribuem para construção do conhecimento exibindo a variedade que a língua assume de território a outro no tempo e no espaço.

Sendo assim, a maior parte da população indígena do estado do Tocantins preserva sua língua materna, mas, também já são usuárias da língua portuguesa, mesmo quando não o falam, entendem, considerando que essas línguas sofreram variações linguísticas ao longo do tempo, por causa das mudanças estruturais nos planos culturais, sociais, econômico e político da sociedade tocantinense.

Não obstante, no estado do Tocantins o contato entre povos indígenas e não indígenas faz com que suas línguas e dialetos estejam em constante modificação, embora as línguas guardem entre si origens nativas e comuns, integrando os troncos e famílias linguísticas, porém, se as línguas indígenas não são isoladas, tampouco são isolados os falantes dessas línguas. Considerando que os indígenas do estado do Tocantins são etnias do tronco linguístico Macro- Jê, da família Jê e da família linguística Tupi-Guarani que é um dos desdobramentos do tronco linguístico Tupi.

O estudo sobre a geolinguística dos povos indígenas do estado do Tocantins serve para registrar através de mapas a composição étnica heterogênea dos indígenas do estado do Tocantins tanto na diversidade cultural quanto na diversidade linguística, pois ao longo do tempo, perdemos algumas características linguísticas indígenas por não terem nada registrado. Destacando que com este estudo foi elaborado o primeiro Mapa Geolinguístico dos Povos Indígenas do estado do Tocantins.

Nesta perspectiva, este estudo geolinguístico das línguas indígenas do estado do Tocantins busca a partir das geotecnologias aplicadas apresentarem que a pesquisa de qualquer língua dentro da geolinguística é relevante para o desenvolvimento da ciência Linguística e Geográfica.

Com este estudo ficou evidente que, as Terras Indígenas demarcadas do estado do Tocantins são: Apinajé, Funil, Inawebohana, Krahô Kanela, Kraolândia, Parque do Araguaia, Xambioá, Xerente, Maranduba e Utaria Wyhyna (IròduIràna). Considerando que no estado do Tocantins a terra indígena Canoanã situada no Município de Formoso do Araguaia está em fase de estudo para processo demarcatório.

Dessa forma, as Terras Indígenas do estado do Tocantins são habitadas pelos povos indígenas Yny, Apinajé, Krahô e Akwen. Ou seja, os indígenas que formam o povo Iny são as etnias Karajás/Javaé Karajá e Xambioá, essas etnias falam a mesma língua materna e dialetos e possuem os mesmos costumes e se identificam uns com os outros como parentes. Enquanto que os Krahô, Krahô-Kanela falam a língua Krahô, Timbira e Kayapó como língua materna. Os Apinajé falam a língua materna apinajé e os Funil/Xerentes falam a língua materna Akwen. Ambos os povos falam e entendem a língua portuguesa por condição de sobrevivência territorial.

Por fim, espera-se que este estudo teórico possa contribuir com outras pesquisas sobre línguas (geolinguística) dos povos indígenas do estado do Tocantins de acordo as Terras Indígenas, considerando que os povos e comunidades tradicionais (etnias)

indígenas que habitam no estado do Tocantins são poucos estudados (pesquisas) e quase não se tem legados históricos, geográficos e linguísticos sobre seus antecedentes passados.

## REFERÊNCIAS

- ALVAR, M. **Hacia los conceptos de lengua, dialecto y habla**. México: D. F. & Austin, Texas, 1961.
- BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. São Paulo - Brasília: HUCITEC-EDUNB, 1993.
- BORBA, F. da S. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. 2. ed. rev e aum. São Paulo: Nacional, 1976.
- BORBA, F. dá S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 13. ed. São Paulo: Pontes, 2003.
- BRASIL. Fundação Nacional do Índio - FUNAI. **Política Indigenista**, 2016. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em 12 de março de 2020.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In. CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- CÂMARA Jr., J.M. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. A. **A geolinguística no terceiro milênio: Monodimensional ou Pluridimensional?** Universidade Federal da Bahia, 2011.
- CASTROGIOVANNI, A. C. O misterioso mundo que os mapas escondem. In.: CASTROGIOVANNI, A. C. [et all] (org.). **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ AGB, 2003.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: **Diretoria de Geociências – DGC. Noções básicas de cartografia**. Rio de Janeiro- RJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. Censo Demográfico 1991. Povos indígenas do estado do Tocantins. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em 23 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2000. Povos indígenas do estado do Tocantins. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em 27 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2010. Povos indígenas do estado do Tocantins. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em 30 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico. Atlas do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: [www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm). Acesso em 10 de janeiro de 2020.

JOLY, F. **Cartografia**. Campinas: Papirus, 1990.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2005.

SAMPAIO, R. A.; THÉRY, H. **Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos**. Confins, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEKI, L. **Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI**. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º Especial, 1999. Disponível em: [www.unimep.br/phpg/editora/revistapdf/imp27art11.pdf](http://www.unimep.br/phpg/editora/revistapdf/imp27art11.pdf). Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

SILVA, G. A. da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO) (Volume I)**. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em estudos da Linguagem, 2018.

SOUZA, J. G.; KATUTA, A. M. **Geografia e conhecimentos cartográficos: a Cartografia no movimento de renovação da Geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TOCANTINS, Governo do Estado do. \_\_\_\_\_. **Decreto-Lei nº 99.062, de 07 de março de 1990**. Homologa a demarcação da área Indígena Kraolândia.

\_\_\_\_\_. **Atlas do Tocantins: Subsídios ao Planejamento da gestão territorial**. Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente – SEPLAN. Palmas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 2.139 de 3 de setembro de 2009**. Dispõe sobre o Sistema Estadual de Educação do Estado do Tocantins.

\_\_\_\_\_. **Fundação Nacional Indígena do Tocantins - FUNAI**, 2013.

\_\_\_\_\_. **Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins, (DSEI-TO, 2014)**. População indígena da reserva Krahôlanida.

\_\_\_\_\_. **Secretaria de Saúde Indígena do Tocantins - SESAI-TO**, 2014.

\_\_\_\_\_. **Secretaria Estadual de Educação - SEDUC/TO**, 2014.

\_\_\_\_\_. **Terras indígenas**. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1295478-entenda-demarcacoes-de-terras-indigenas-e-conflito-com-proprietarios-rurais.shtml>. Acesso em 26 de março de 2020.

\_\_\_\_\_. **As línguas indígenas**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em 10 de março de 2020.

\_\_\_\_\_. **Os Karajás do Norte**, mais conhecidos como Xambioá. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1\\_do\\_Norte](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1_do_Norte). Acesso em 10 de abril de 2020.